

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

23



Ἰσοπέδιον ἰσοπέδιον ἰσοπέδιον ἰσοπέδιον ἰσοπέδιον
ἰσοπέδιον ἰσοπέδιον ἰσοπέδιον ἰσοπέδιον ἰσοπέδιον
ΜΗΝΙΝ ΛΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

O III bloco concentra-se nas formas de praticar a religião e de representar o pensamento religioso. Ritos, sacrifícios, jogos, procissões, formulação de orações, cânticos e hinos são aqui discutidos ao pormenor com um excelente uso das fontes de que dispomos para o fazer.

Na IV parte, são os agentes religiosos que ganham destaque. Com efeito, seria difícil fazermos qualquer estudo da religiosidade romana sem levar em conta aqueles que a protagonizaram e lhe deram existência. Assim, estudam-se aqui os papéis de sacerdotes, aristocratas, imperadores, elites urbanas, de todos aqueles que marcaram a definição da religião entre os Romanos.

Os problemas em torno da alteridade religiosa estão tratados nas partes V e VI. No quadro da religiosidade da Roma Antiga e do Império Romano, impõe-se o tratamento das problemáticas das religiões dos Outros, em particular daquelas que efectivamente marcaram a diferença na construção da *Romanitas*, como o judaísmo, o cristianismo e o mitraísmo. Estas são, evidentemente, religiões orientais e de mistérios, sendo porém de notar que se tenta definir, e bem, o que de novo ou de romano tem essa orientalidade; não deixa, porém, de ser uma raiz oriental que está aqui em causa. Por outro lado, é de assinalar aquilo que Roma exportou no que diz respeito à espiritualidade e à religiosidade, designadamente para o Oriente.

Trata-se, por conseguinte, de mais um excelente exemplo da qualidade que a Blackwell tem vindo a construir no domínio dos manuais académico-científicos. Este «Companion» é mais um excelente instrumento de trabalho para os estudiosos da Antiguidade Clássica e deve marcar presença em todas as boas bibliotecas dedicadas ao assunto. A obra reúne os contributos de 31 autores, alguns deles especialistas reconhecidos nos seus campos de estudo, dos quais destacamos o incontornável K. Galinsky, reconhecido especialista no período augustano. Seria de esperar, porém, uma maior presença de autores italianos ou espanhóis, que muito têm escrito sobre estas problemáticas.

O livro inclui uma extensa bibliografia, glossário, mapas, figuras, respectivas legendas e índices geral, antroponímico e toponímico.

Nuno Simões Rodrigues

JEAN-FABRICE NARDELLI, *Le motif de la paire d'amis héroïque à prolongements homophiles: perspectives odysseennes et proche-orientales*, Amsterdam, Adolf M. Hakkert Publisher, 2004, 297 pp. ISBN – 90-256-0638-5

JEAN-FABRICE NARDELLI, *Homosexuality and Liminality in the Gilgameš and Samuel*, Amsterdam, Adolf M. Hakkert Publisher, 2007, 106 pp. ISBN – 90-256-1226-1

A recente produção televisiva da Starz, *Spartacus* (2010-2013), apesar de se basear sobretudo em fontes históricas tidas pelos investigadores como fidedignas, não resiste à tentação de integrar no enredo elementos ficcionais, à boa maneira do romance histórico oitocentista de que a adaptação cinematográfica é herdeira. Entre esses elementos, salientamos a construção das personagens de Agron (Dan Feuerriegel) e de Nazir (Pana Hema-Taylor), que, no contexto da célebre rebelião de escravos, evocam o tema do «par de amigos heróico», tal como o conhecemos desde a Antiguidade e que subjaz a este livro.

Apesar de este ser um tema sobretudo reconhecido na literatura greco-romana e em ambiente ficcional (o que não exclui a presença de informações relativas a «factos» tidos como históricos, como são os casos de Aristogiton e Harmódio, mencionado por Tucídides, e de Alcibiades, sobretudo testemunhado por Plutarco), de que são exemplos as narrativas em torno de Aquiles e Pátroclo, Teseu e Pirítoo, Hércules e Hilas, Orestes e Píades e Niso e Euríalo, o facto é que, como muito bem demonstra Nardelli, o tema remontava a uma estrutura mais antiga, especificamente a anteriores contextos próximo-orientais.

Assim, não esquecendo a forte componente grega da problemática, que todavia Nardelli opta por analisar no primeiro destes dois volumes a partir de um «casal» menos conhecido – Telémaco e Pisítrato –, parte substancial deste estudo centra-se nas narrativas em torno de David e Jónatas, que nos chegaram através dos textos bíblicos, sem esquecer as figuras mesopotâmicas de Gilgamesh e Enkidu. Foi, aliás, a pertinência do tema que levou o A., já depois de ter publicado o volume citado em primeiro lugar, a publicar o segundo, desta vez em inglês, centrando-se agora essencialmente no controverso (uma vez que inclui a problemática bíblica) mundo próximo-oriental, não esquecendo o contexto egípcio do mesmo.

É evidente que o tema não é original e muita já se escreveu sobre o assunto (e.g. o extenso estudo de B. Sergent, para o caso o mundo grego, ou os de K. Stone, T. Horner e M. Nissinen para o universo bíblico). A novidade estará, eventualmente, no método comparativo adoptado pelo A., que olha sempre em confronto as fontes próximo-orientais e gregas, a que se alia o assinalável rigor filológico, patente sobretudo no recurso às línguas antigas (acádico, egípcio, hebraico e, claro, o grego), que se confirmam indispensáveis e incontornáveis para um estudo desta natureza. Além desta opção

metodológica, não podemos deixar de aplaudir a perspectiva abrangente, o olhar globalizante, que toma as ditas «civilizações pré-clássicas» e as ditas «civilizações clássicas» como um todo de fronteiras ténues, essencialmente mediterrâneas, que conviveram no espaço e no tempo, em determinadas circunstâncias, e que, por isso mesmo, não deixaram de interagir e de se interinfluenciar. Trata-se efectivamente de um método a reconhecer como válido e que vem no seguimento de outros autores e investigações, como por exemplo as de M. L. West.

Menos positiva é a opção de apresentar, no primeiro caso, como bibliografia final apenas uma lista complementar aos estudos que vão sendo citados ao longo do volume. Seria muito mais prático para o investigador/leitor que vier a recorrer a este livro encontrar uma listagem final completa, como toda a informação referida. No segundo volume, nem sequer existe essa tão necessária listagem. Os índices, pelo contrário, são pormenorizados e da maior utilidade em ambos os livros.

Nuno Simões Rodrigues

MARCO FANTUZZI, *Achilles in Love. Intertextual Studies*, Oxford: Oxford University Press, 2012, 317 pp. ISBN 978-0-19-960362-6

O problema das relações amorosas de Aquiles parece ter sido um dos que, praticamente desde a Antiguidade, parecem ter preocupado os vários autores que a ele se dedicaram. Bastará recordar que, na origem da *Iliada*, está uma disputa de natureza amorosa, que parece condicionar todo o desenvolvimento do poema e determinar mesmo o destino das personagens centrais. Com efeito, não fosse a ira de Aquiles desencadeada pela perda de Briseide, e provavelmente nem Heitor nem Pátroclo teriam tido o fim que acabaram por ter.

O livro agora publicado por M. Fantuzzi regressa ao problema dos amores de Aquiles e, recorrendo à intertextualidade como metodologia essencial, analisa o «percurso biográfico» da personagem, a partir do prisma das relações amorosas que são tidas como «as paixões aquilinas»: Deidamia, Briseide, Penteseileia e, como não poderia deixar de ser, Pátroclo. Este é, aliás, um dos principais motivos de interesse do volume. Pois se, quer a partir da epopeia, quer a partir da tragédia, sobretudo, as paixões amorosas de Aquiles por aquelas três figuras femininas parecem ser mais ou menos consensuais (no caso de Deidamia as fontes são todavia mais díspares e no de Penteseileia mais abrangentes), no que diz respeito à «relação amorosa» com Pátroclo, o consenso é menos difícil de obter. Com efeito, desde a Antiguidade que os exegetas, comentadores e